

GALAAZ E A CONFIGURAÇÃO COM CRISTO*

DANIEL FARIA

Partindo das fundas reservas que José Carlos Miranda coloca ao entendimento de Galaaz como pós-figuração de Cristo, que uma leitura imediata da narração do aparecimento de Galaaz no paço do rei Artur parece motivar, pretendemos, aqui, avaliar a produtividade da concepção de Galaaz como configurado com Cristo, uma vez que, quanto a nós, Galaaz não é, de facto, uma **pós-figuração** de Cristo, mas um exemplo excelente da **configuração** com Cristo. Neste entendimento, a sua entrada na Corte do rei Artur, no dia de Pentecostes, não o tornaria, assim, o homólogo de Cristo da cavalaria, ou o Cristo da cavalaria, mas colocá-lo-ia, desde a abertura da *Demanda*, como um eleito de Cristo, um revestido do Espírito¹, alguém predestinado

* Trabalho elaborado no âmbito da cadeira de Literatura Portuguesa III, do curso de Línguas e Literaturas Modernas, variante de Estudos Portugueses, no ano lectivo de 1997/98.

¹ Poderá ser esta a simbologia das vestes vermelhas? Certo é que o nascimento de Galaaz é um dom do Espírito, como diz o rei Peles: “– Per Sancta Maria, eu o cuidei. Beento seja o Santo Espírito Sancto que nos deu tal homem em nossa linhagem” (*DP*. 392, p. 295); é o Espírito que o acompanha e auxilia nas suas aventuras: “[...] u acharom [Galaaz e Lancelot] muitas aventuras a que derom cima, que per sa bondade de cavalaria, que per graça de Santo Espírito que os ajudava em todos os

para percorrer um caminho de configuração com o Ressuscitado. Teríamos, assim, que no início desse seu caminho ascético que o há-de conduzir a uma experiência mística (à contemplação das *puridades e cousas absconditas de Nosso Senhor*) ele, que aparece como aquele que realiza as esperanças da cavalaria, o esperado, o que vem ocupar a *seeda perigosa*, anteciparia já aí a sua condição de eleito, de configurado com Cristo.

Na possível identificação da vida do Redentor com a acção de Galaaz, José Carlos Miranda questiona essa homologia, pondo prontamente de parte a *homologia narrativa*, uma vez que seria “singularmente arrevesado”², para usarmos uma expressão sua, que tal identificação começasse pela apresentação da correspondência entre o começo da acção de Galaaz e o fim da vida terrena de Cristo.³

Acontece, porém, que se José Carlos Miranda acaba por negar que Galaaz seja uma pós-figuração de Cristo, aceita-a, em parte, ao reconhecer que existem episódios que se relacionam com passos dos Evangelhos canónicos ou apócrifos:

Se é um facto que os episódios citados oferecem um modelo relacional com os EVANGELHOS canónicos ou apócrifos, já não é possível afirmar que Galaaz desempenhe neles um papel que o identifique inteiramente como uma pós-figuração de Cristo.⁴

lugares” (DP. 523, p. 384); e será graças ao Espírito que poderá ver as *cousas celestiaes* reveladas no Graal: “[...] que já mais coração mortal nom as poderá conhecer se polo Santo Espírito nom é.” (DP. 161, p. 128).

² José Carlos Ribeiro Miranda, *Galaaz e a ideologia da linbagem*, Porto, FLUP, 1998, p. 60.

³ Cf. *Ibidem*.

⁴ *Ibidem*, p. 70.

Por isso, referindo-se aos episódios que retomam a descida de Cristo aos Infernos dos evangelhos apócrifos, sobretudo do Evangelho de Nicodemos (o castelo do conde Arnalt e o castelo da Dona Gafa), dirá que Galaaz se apresenta “apenas parcialmente como figura de Cristo”, que “interpreta apenas uma parte da figura de Cristo” ou que é “apenas uma parcela do tipo de Cristo”⁵.

Ora, no nosso entender, Galaaz não é nem tipo nem *parcela* de tipo, nem figura ou parte de figura ou parcial figura de Cristo, mas configuração de Cristo na exacta media em que o foram os seus Apóstolos na sua actividade pós-pentecostal. Porque, se “o ciclo [está] organizado em função de um modelo temporal escatológico, onde Lancelot representará o Antigo Testamento da cavalaria e Galaaz o Novo Testamento que o vem redimir das suas mazelas e dos seus vícios”⁶, então, por que não procurar os paralelos e evocações bíblicos com os quais as acções de Galaaz se relacionam a partir do exacto ponto em que essa aproximação nos é proposta ou sugerida – o dia de Pentecostes –, isto é, a partir dos Actos dos Apóstolos, deixando os Evangelhos (canónicos) para trás? De resto, este entendimento é claramente sugerido – solucionando-a – pela dificuldade colocada pelo episódio do castelo de Corberic à tentativa de identificação da vida de Cristo com a biografia de Galaaz, como bem notou José Carlos Miranda:

[...] Galaaz não somente é apenas uma parcela do tipo de Cristo, como cederá definitivamente a possibilidade de assumir essa dimensão de um modo mais completo aquando do surgimento em cena... do mesmo Cristo. Em Corberic, perante o Graal, Galaaz não mais será do que um discípulo no meio dos doze [...].⁷

⁵ *Ibidem*, p. 71.

⁶ *Ibidem*, p. 56.

⁷ *Ibidem*, p. 71.

A sustentar esta comparação do *sergente de Nosso Senhor* com o percurso dos Apóstolos, existem, de facto, episódios da vida de Galaaz que nos convidam a relacionar a acção desta personagem com a actividade e os acontecimentos que os Actos dos Apóstolos nos relatam. Assim, a cena do encantador que perde os seus poderes aquando da visita de Galaaz ao acampamento do Rei Pelles, faz-nos recordar Act 8, 4-24, onde se narra como Simão, o Mago, viu decair o(s) seu(s) crédito(s) diante dos milagres feitos por Filipe, e como foi pedir aos Apóstolos que lhe concedessem o dom da imposição das mãos, a troco de dinheiro.⁸

Outro episódio que merece ser relacionado com os Actos dos Apóstolos é a derrocada da torre do Castel Felom. Nessa torre, estavam encarcerados Galaaz, Persival e Boorz. De noite, Galaaz pede com oração e lágrimas que o Senhor os socorra e, durante o sono, aparece-lhe um *homem mui fremoso* que lhe diz que a sua oração foi ouvida e que na manhã seguinte será libertado; o que acontecerá graças a uma tempestade que fenderá em duas a torre. Como se vê, há, nesta cena, claras ressonâncias dos relatos da prisão dos Apóstolos que nos são narrados ao longo dos Actos, sobretudo Act 12, 1-11, onde se relata a prisão de Pedro e como toda a Igreja fazia oração por ele: durante o sono de Pedro, apareceu um anjo do Senhor que o libertou; e também Act. 16, 25-27, que conta como, estando Paulo e Silas presos, oravam, cantando louvores a Deus, até que veio um terramoto que abalou os alicerces do cárcere, libertando-os dos grilhões e abrindo-lhes as portas.

Acrescente-se, ainda, que, tal como pela mão de Paulo Deus operava milagres bastando que “sobre os enfermos se aplicassem lenços ou aventais que houvessem tocado o seu corpo” (Act 19, 11-12),

⁸ Veja-se ainda o castigo dos exorcistas judeus em Act 29, 13-17.

também Galaaz curará a *filha do hóspede que engafecera*⁹, fazendo-a vestir a sua estamenha; e tal como os doentes vêm para as ruas para que, tocados pela sombra de Pedro sejam curados, também Galaaz apenas pela sua simples presença será ocasião de libertação e remédio; veja-se, como exemplo, a cura da *dona sandia*¹⁰.

Finalmente, sublinhe-se que na sua actividade taumatúrgica, Galaaz, como os Apóstolos, por sua iniciativa ou pela iniciativa das personagens que o acompanham, tem o cuidado de curar ou *dar cima* às aventuras que *maravilha eram* em nome de Cristo e não em seu nome. Assim, relata-se *como Galaaz rogou a Nosso Senhor que a caentura da fonte bouvesse cima*¹¹; o encantador testemunha que o demónio o deixou porque Galaaz é um *sancto homem* muito *amado de Nosso Senhor*¹², e no episódio da dona sandia, Galaaz agradecendo muito a Nosso Senhor, recomenda à dona: “– A mim nom no gardeçades, mas a Jesu Cristo que vos esto fez, que há doo dos pecadores quando lhe praz”; o mesmo repete à menina que curara com a sua estamenha, dizendo-lhe, quando esta lhe beija os pés e lhe agradece o bem que, através dele, Deus lhe fizera: “Gradecê-o, disse ele, a aquele que vo-lo fez, ca eu nom vo-lo fiz, ca pecador som eu como outro homem”;¹³ lembremos, por fim, que Galaaz acaba a aventura de Simeu enquanto ora – “Enquanto el [Galaaz] fazia sua oraçom aveo que o fogo morreu e saiu ende ãũ fumo, que nom virom rem mentre ele durou.”¹⁴ – e que, também a Simeu, que lhe chama “sergente de Jesu Cristo, verdadeiro cavaleiro e verdadeiro homem bõõ”, referindo que foi a santidade de vida de Galaaz que o livrou daquela condição,

⁹ DP 407-408, pp. 305-306.

¹⁰ DP 401, p. 301.

¹¹ DP 584, pp. 428-429.

¹² DP 390, p. 294.

¹³ DP 409, p. 307.

¹⁴ DP 467, p. 343.

recorda: “– Muito me praz, disse Galaaz, porque és salvo pois prouve ao Salvador do mundo”¹⁵.

Destoando deste comportamento, aparece a cura de um *homem tolbeito* que pede esmola à porta da cidade que, se pode ser comparada à cura do coxo que pede esmola à entrada da porta do templo (cf. Act 3, 1-11), parece ser uma cena, como defende José Carlos Miranda, “demasiado decalcada da cura do paralítico de Cafarnaum por Jesus para se prestar a grandes dúvidas”¹⁶, com a ressalva, que o autor não faz, de que tal afirmação é verdadeira apenas tomando em linha de conta a versão de Mateus, e não as versões paralelas de Marcos e Lucas, para as quais a afirmação citada nos parece bastante desajustada. De facto, ao ter mais presente a cena evangélica do que o gesto de Pedro, o redactor acabaria por apresentar Galaaz a agir como se fosse o próprio Cristo:

– Ai, Senhor, disse el, esto nom posso eu fazer, ca bem há X anos passados que nom pudi ùũ passo mover sem a ajuda de outrem,

– Nem mim chal, disse Galaaz; leva suso e nom hajas pavor, ca tu és são.

E Galaaz esto dizendo, provou o homem se se poderia erguer. E achou-se são como se nunca houvesse mal.¹⁷

Sergento de Jesus Cristo, Galaaz vai, numa actividade semelhante à dos Apóstolos, espalhando o bem em nome de Nosso Senhor, instaurando e dilatando o Reino que Cristo veio inaugurar, um Reino onde adquire especial relevância a acção da cavalaria a quem cabia “proteger os mais «pobres», vingar a injustiça, lutar para o alargamento do reino

¹⁵ Miranda, *Galaaz*, p. 71.

¹⁶ *Ibidem*, p. 58.

¹⁷ *DP* 624, pp. 454-455.

de Deus”¹⁸, essa cavalaria que Galaaz vem redimir e renovar, ao reunir em si a bondade de armas e a santidade de vida, alimentada por uma espécie de *lectio divina* (“[o ermita] contava-lhe cada dia as vidas dos padres santos e as estórias antigas”¹⁹), pela prática da humildade e da penitência, pela frequência dos sacramentos, sobretudo da eucaristia e da confissão, e pela virgindade vigiada pela ascese (estamenha). Será esta santidade de vida, muito mais do que a bondade de armas, onde Galaaz também se distingue dos demais, que fará de Galaaz um esperado (*semelhante a Cristo, mas sem a sua alteza*) e um eleito, um configurado com Cristo, processo que se produzirá ao longo de um caminho ascético até à contemplação das *puridades e cousas absconditas de Nosso Senhor*.

E é ainda nesta condição de configurado com Cristo que, pensamos, se devem e podem enterder os episódios que se relacionam com a descida de Cristo aos Infernos apresentada pelos evangelhos apócrifos, assim como o episódio da Barca de Salomão.

Com efeito, José Carlos Miranda já tinha sentido as dificuldades de ver na ida de Galaaz ao castelo do conde Arnalt uma [pós]figuração da descida de Cristo aos Infernos, comentando:

Se é verdade que o conforto ao velho conde é levado pelo nosso cavaleiro, figurando a consolação de Adão por Cristo no inferno, já no extermínio dos três irmãos e seus homens, que evocam a derrota de Satanás, Galaaz está manifestamente aquém do que dele seria exigido para que o tipo de Cristo se concretizasse. [...] Galaaz surge como o braço cego de uma justiça que, à partida, não nos parece capaz de entender. É mais um instrumento do que um sujeito da acção. Dificilmente vemos como tal insuficiência pode querer figurar integralmente uma das pessoas da Trindade...²⁰

¹⁸ Geroges Duby, *As três ordens ou o imaginário do feudalismo*, Lisboa, Ed. Estampa, 1982, p. 319.

¹⁹ DP 50, p. 54.

²⁰ Miranda, *Galaaz*, pp. 70-71.

De facto, Galaaz só pode confortar o velho conde como Cristo consolou Adão, porque, configurado com Cristo ele é a imagem do *homem novo* que redime o *homem velho* representado no conde Arnalt, e nunca pode ser entendido como figura de Cristo.

A mesma ideia da configuração permitirá, ao mesmo tempo e em nossa opinião, um entendimento mais coerente do episódio da Barca de Salomão. Voltemos às palavras de José Carlos Miranda, concluindo a análise a este episódio:

Assim sendo, a nossa interpretação só pode ser a seguinte: estamos perante uma inegável figura da Paixão – assumindo Galaaz a dimensão de tipo de Cristo –, mas considerada de um modo claramente unilateral. Estão omitidos todos e quaisquer elementos que convoquem a faceta sacrificial, enquanto os que a definem como vitória, como assunção da realeza e do poder dela decorrente – a posse da espada... e também da coroa... – ganham uma inegável proeminência.²¹

Ora, neste caminho de configuração com Cristo (e será preciso lembrar que a barca onde entra Galaaz é, como ele próprio esclarece, a imagem da Igreja que é o corpo de Cristo?!), o leito não é tanto, como entende o autor citado, no seguimento de Pauphilet, “símbolo do altar onde o Cordeiro de Deus foi imolado, seguindo a tradicional exegese de um passo do Cântico dos Cânticos”, mas antes, como de resto essa referência ao Cânticos dos Cânticos exige e deixa compreender, leito nupcial da união mística, do encontro do esposo (Cristo) com a esposa (Igreja/alma), que Galaaz experimentará, e que aqui é antecipada. Uma união representada pelo sono de Galaaz deitado no leito, e que premeia a nova cavalaria, como o significam os símbolos da vitória e da realeza (unido com Cristo, reina com Cristo), num fla-

²¹ *Ibidem*, pp. 64-65.

grante contraste e paralelo com o sono de Lancelot, representante da velha cavalaria e que, no seu sono, começará a perceber as dimensões do seu erro e a previsão do seu castigo: ficar excluído da visão do Santo Graal. Note-se que a necessidade deste paralelo surge ainda reforçada pelo facto de ambos os cavaleiros, durante o sono, estarem acompanhados de uma donzela, opostas entre si no seu significado: a irmã de Persival que acompanha Galaaz é, pelas razões que aponta José Carlos Miranda, o símbolo da nova cavalaria, enquanto a donzela que acompanha Lancelot representa a velha cavalaria que tinha na mulher uma das sua principais motivações e na luxúria um dos seus mais reprovados e frequentes vícios.

